

# MUSEU DA PESSOA

## História

### Variedade de atividades

#### Sinopse

Ernesto conta de sua trajetória de vida, dos trabalhos que realizou nos bairros da Moóca e do Brás, de sua participação no Sindicato dos Contabilistas. Ele também fala de seus filhos e também de seu hobby, como ler as obras de Umberto Eco.

#### História completa

P/1 – Senhor Ernesto, o senhor vai dizer para a gente qual o seu nome completo, local e data de nascimento. R – Ernesto Marra. P/1 – Local de nascimento? R – Nascido em São Paulo, capital, em 17 de setembro de 1914. P/1 – Qual o nome de seus pais? R – Filippo Marra e Concilia Pellegrino. P/1 – E a origem deles? R – Eles eram italianos. P/1 – De que região da Itália? R – De Nápoles. P/1 – E qual era a atividade do seu pai? R – Meu pai era o que se chamava canteiro. Canteiro é uma forma portuguesa, arcaica, de dizer que trabalhava com granito, com pedra. Eles lá diziam. Mas eram os que trabalhavam com granito. E o granito, a pedra com que ele trabalhava, era que servia para construções, para fazer base de construções de prédios, mas principalmente para túmulos de cemitérios. Andando nos cemitérios, você vê que a maioria dos túmulos são feitos de granito, porque são eternos, duram enquanto a pedra durar, enquanto os outros materiais não tanto. De modo que o trabalho principal dele era trabalhar ou em base de prédios ou túmulos de cemitérios. P/1 – E aqui no Brasil ele continuou com a mesma profissão? R – Sim. Lá na Itália ele era um simples operário de pedreira, coisa muito simples. Ele veio para cá muito jovem. E aqui é que ele desenvolveu toda a atividade dele. Ele chegou a ter uma oficina com muitos operários. P/1 – E ele contava para o senhor, em conversa, de algum túmulo famoso que ele tivesse feito, em algum cemitério daqui de São Paulo? Naquela época mais cemitério da Consolação e Araçá. R – Era Araçá, o cemitério São Paulo e da Consolação também. Mas ele trabalhava geralmente para empreiteiros. Havia os empreiteiros de cemitério, como tem até agora, que depois subcontratam os que faziam túmulos. Davam os desenhos, davam todas as coordenadas, e esses executavam. Mas ele mesmo, a contratar com o dono, não aconteceu, pelo menos que eu saiba. P/1 – Ele nunca chegou a contar alguma coisa diferente? R – Eu via, porque eu ia com ele aos cemitérios. Eu, desde pequeno, ele me levava. E eu via muitos lá, mas eu não me lembro de nenhum nome especial que ele tivesse feito, não me lembro. P/1 – Ele viveu muito tempo aqui no Brasil? R – Ele viveu muito tempo, morreu em 1947. Ele tinha mais de 70 anos quando ele morreu? P/1 – Se adaptou bem aqui, vindo da Itália? R – Bom, quando ele veio para cá ele tinha a intenção de fazer a América e voltar para lá. Tanto que ele procurava colocar os filhos em escolas que ensinassem italiano, para depois voltar para lá e não ter problema. (riso) Mas não consegui. P/2 – E a sua mãe? Ele já veio casado? R – Não, eles casaram aqui. P/2 – E sua mãe é da mesma região? R – Da mesma região. Mas eles casaram aqui no Brasil. Conheceram-se aqui e casaram aqui. P/1 – Ele contava alguma coisa de como ele conheceu? R – Ah, contava pouco, porque ele era muito moço, não tinha muita história de lá. A história de lá era muito pequena. A história dele é daqui mesmo. P/1 – E o senhor tem irmãos? R – Tenho. Eu tive nove irmãos. P/1 – E como foi essa infância de tantos irmãos assim, onde o senhor morava, o senhor lembra da casa onde o senhor morava? R – Me lembro. A primeira era pequena, poucos quartos. Mas nós também éramos pequenos, a gente se adaptava. Conforme meu pai foi progredindo na profissão, ele passou para uma casa melhor, e a última casa que nós moramos todos juntos, dali eu saí para casar, já era bem ampla. Era uma casa na rua Ipanema, a casa tinha quatro quartos, duas salas, era uma casa bem ampla, e nós também já éramos mais crescidos e vivíamos com bastante espaço. O problema era na hora das refeições, porque todos trabalhavam, principalmente os homens, e as moças também, quando o negócio de meu pai começou a decair, as moças também foram trabalhar. Então as refeições não eram todos juntos, como ele gostava. Quando nós éramos pequenos tínhamos que comer todos juntos, almoçar todos juntos. P/1 – Seu pai era rigoroso? R – Era exigente. Ele gostava de ver a família... P/1 – A mesa completa? R – A família que ele tinha criado, ele gostava de ver. Quando nós éramos pequenos, consegui, mas depois, com trabalho, estudo, cada um foi se ajeitando como pôde. P/1 – Nem nos domingos vocês conseguiam se reunir naqueles célebres almoços? R – Aos domingos ele era mais rigoroso. Para a gente sair, tinha que pedir licença: “Olha, eu vou passear, vou jogar futebol.” E ele ia se adaptando. Mas ele teve que se adaptar aos costumes novos. P/1 – E o senhor morava nessa época sempre no Brás? R – É. Até casar eu morei no Brás e na Moóca. P/1 – Em que região do Brás? R – Primeiro no Brás, ali na rua Piratininga, e depois na Moóca, na rua Ipanema. P/1 – E nessa parte do Brás, o Brás é um bairro muito antigo, nessa época o senhor se lembra de como era o Brás? R – O Brás era uma delícia. Melhor do que a senhora se lembra. A avenida Rangel Pestana era a avenida principal de São Paulo. Como avenida, era a avenida principal de São Paulo. Claro, já tinha a avenida Paulista, mas a avenida Paulista era restrita para aqueles casarões, aquele pessoal que vivia lá. Ninguém ia lá na avenida Paulista fazer alguma coisa, só ia lá quem morava lá ou quem tinha serviço a prestar. Mas no Brás, a Av. Rangel Pestana era comercial, desde o começo até o fim. E ela termina ali na Celso Garcia. É comércio, cinemas e a Praça da Concórdia, com aquele Cine Colombo, que era um espetáculo de teatro. Então a gente vivia bem no Brás, e com principalmente aqueles serviços que os italianos que se concentraram lá prestavam para a sociedade. Muito pessoal de outros bairros iam lá no Brás fazer compras ou freqüentar cinemas, teatros. P/2 – Restaurante, naquela época? R – Restaurante, tinha muitos, bons. Ainda tem um que persiste lá na rua Jairo Góis, o Castelões, é do meu tempo de menino, ainda está lá. E tinha outro restaurante, tinha ali um hotel, em frente à Igreja

do Brás, Hotel Bela Nápoli, ao lado do grupo escolar. P/1 – E o senhor ia no cinema, nas matinês famosas, do Mafalda? R – Sim, eu freqüentava. Eu gostava mais do teatro Colombo, porque era um estilo de teatro que eu já me empolgava a ir lá. As matinês que eu ia era mais lá. Mas matinês mesmo, quando eu era pequeno, era no cinema da rua Piratininga, o Eros, que depois passou a ser chamado de Ideal. A gente ia ver lá filme de mocinho. (riso) P/1 – O senhor se lembra do cine Oberdan? R – Oberdan? Me lembro. Bonito. Ainda está lá! P/1 – Mas o senhor se lembra daquele acidente? R – Me lembro do incêndio lá, daquelas mortes. P/1 – Ficou marcado alguma coisa no senhor? R – Me lembro sim, que a gente ficou impressionado com aquilo. Durante muito tempo minha mãe não deixava ir ao cinema, (riso) depois foi liberando. Cinema lindo aquele Oberdan. Bonito, bonito. Ainda está lá. Não sei o que fazem, mas ainda está, ainda persiste. P/2 – Igreja, o senhor freqüentava? R – A Igreja do Brás. Mas sou um pouquinho arredio. Quando era pequeno eu ia, porque me levavam, mas depois eu passei a ter outras atividades, preferia jogar futebol, preferia namorar, preferia fazer outras coisas. Mas, tinha aquelas obrigações, na Páscoa, no Natal, a gente ia. P/1 – Brincadeira mesmo então era futebol. Que outras brincadeiras o senhor tinha com os amigos, os irmãos? R – Brincadeiras? P/2 – Não era nenhuma especial? R – Não. P/1 – E a primeira escola, o senhor se lembra? R – Me lembro. Era na rua Coronel Mursa, ali pertinho, que ensinava italiano. O meu pai me obrigou, os meus irmãos mais velhos não gostavam de estudar, então ele fez eles fazerem o grupo escolar e acabou. E como eu tinha uma certa tendência, ele me botou nessa escola que ensinava italiano. E eu aprendi italiano também. Depois saí de lá, fui para o grupo escolar. Aí por revolta minha, pessoal, porque eu falava italiano, lia italiano, e os meus amiguinhos não. Então, eu queria ser igual aos meus amiguinhos. Que negócio é esse? Eu sou estrangeiro?. Aí eu passei a não querer mais o italiano, e fui para o grupo escolar, aprender como os outros. P/1 – E esse aprendizado de italiano que o senhor teve influuiu de certa maneira na sua vida? R – Ah, me ajudou muito, mesmo para estudar Contabilidade, nos livros italianos, eu tenho vários, Economia em livros italianos, e literatura. Eu gosto de literatura, quando tem algum livro em italiano eu leio. Leio em italiano mesmo. Leio ainda hoje, eu leio bem em italiano. Não falo por falta de ter com quem falar. Então, não falo mais. Mas eu leio muito bem. Italiano eu leio, entendo perfeitamente. P/1 – E o senhor fez o curso primário nesse grupo escolar Romão Puiggari? O senhor fez o curso primário nesse colégio? R – É, o primário. P/1 - Lembra de algum amigo que tenha ficado na sua memória, dessa época? R - Do curso primário? Me lembro de uns primeiros nomes, mas não tive mais contato com eles. Salvador, Pelegrino, não sei, não me lembro mais. P/1 - Em que ano foi isso? R – Com cinco anos eu já ia nessa escolinha. P/1 – Era particular? R - Era particular. Era em 1919. Eu já ia lá. Com cinco anos eu já lia. P/1 – Depois foi para o grupo escolar, terminou o primário, e daí? O senhor passou para onde? R – Daí eu fiz um ginásio breve, fiquei dois anos fazendo o ginásio, também lá no Brás, não me lembro o nome. Perto da rua 21 de Abril, por ali, tinha um ginásio. E aí eu entrei para a Escola de Comércio. P/1 – Não era a Escola Normal Padre Anchieta? R – Não. P/2 – Escola de Comércio qual o senhor fez? R – Fiz no Brás, o Instituto Comercial Brasil. P/2 – Em que ano foi isso? R – Entrei lá em 1928. P/2 – E o curso demorou quanto tempo? R – Três anos. 28, 29 e 30. P/1 – E o senhor saiu o que? Contador, guarda livros, àquele tempo? R – A gente fazia dois anos guarda-livros e, se prosseguisse mais um ano, era contador. Então eu fiz todo o curso: guarda-livros e contador. Saí daí contador. P/1 – Depois o senhor continuou ainda os estudos, ou não? R – Depois eu interrompi durante algum tempo, trabalhava, era auxiliar, já trabalhava, até que eu achei que devia voltar a estudar. Fazia cursinhos, onde houvesse oportunidade, eu fazia cursos curtos, de poucas aulas. Mas o que eu me lembro é que nessa época estudei um pouco de inglês com professor particular, mas eu não gostava de inglês, como não gosto até agora. (riso) Estudei francês na Aliança Francesa, fiz o curso de francês de três anos, estudei espanhol na Câmara de Comércio. A Aliança Francesa era na rua Boa Vista. A Câmara de Comércio espanhola era no prédio Martinelli. Estudei, fiz esses cursos porque eu gostava de francês, gosto até hoje. Só não sei melhor o francês porque não tenho oportunidade, com quem. Mas o francês eu gosto até hoje. O espanhol, a gente nunca aprende bem o espanhol porque sabe português. Se não soubesse português, talvez eu soubesse falar espanhol bem. E, assim, com eles a mesma coisa. Eles nunca aprendem português porque sabem espanhol. Não sei se a senhora notou, se notaram? Não dá. P/2 – É muito semelhante, a gente compreende. P/1 - E a gente acha que sabe já. R – Nesse tempo também, para escriturar o Diário, que era uma exigência, o Diário escritura-se à mão, eu fiz um curso de Caligrafia. P/1 – Como professor Franco? R - Com Antônio de Franco, com o próprio, o original. P/2 - Por que o senhor tinha que estudar Caligrafia no começo da sua carreira? R – Não era dificuldade mesmo. É que o livro Diário era manuscrito, no meu tempo. Pouca gente fazia de outra forma. De todos os que eu conheci no meu tempo, era tudo manuscrito. E, claro, como o livro Diário era o livro principal do exercício profissional, era o livro oficial que devia ser rubricado, a gente devia esmerar-se na caligrafia. A gente escriturar o Diário com esmero, devagar, não fazia coisas apressadas. E eu achei que devia melhorar minha caligrafia para escriturar os meus Diários com mais perfeição. E procurei o professor De Franco, que fazia, havia alguma publicidade, ele era muito conhecido. Aliás, ele tinha dado algumas aulas no curso comercial que eu freqüentei, ele deu algumas aulas lá. Claro, para captar alunos. (riso) E eu me lembrei dele e fui lá. E ele lecionava ajudado por um livro, o livro é, que ajudava a fazer, tinha os modelos todos para a gente copiar. Ele botava uns anéis nos dedos para corrigir as posições, porque cada um escreve de alguma maneira, pousando este dedo, pousando este. Ele corrigia as posições com aqueles anéis. E ia ensinando ali, a gente escrevendo aquilo. Isso já melhorava a forma da gente escrever, a caligrafia ficava mais legível, mais clara. Depois ele ensinava também uns tipos de letras especiais. Uma era o Inglês comercial, que era uma caligrafia cursiva, corrente, que se usa muito. Se você se lembrar do nome Associação Comercial de São Paulo, esse é o Inglês Comercial, exatamente como o De Franco fazia. Eu tenho certeza que foi ele o primeiro a escrever o que a Associação Comercial passou a usar, deve ter sido ele. E ele ensinava a Ronde francesa, que era uma forma mais redonda de fazer as letras, e a Gótica alemã. E essas letras, tanto o Inglês comercial, como a Ronde e o Gótico, o Inglês comercial leva uma pena de aço um pouquinho diferente da que a gente usava, mas a Ronde francesa já eram umas penas especiais, e a Gótica alemã também eram umas penas especiais. E a gente aprendia a fazer aquelas letras. Não que usava como letra corrente, como escrita corrente, mas sabia fazer, como sei até hoje fazer aqui. Mas a Ronde francesa a gente usava para os títulos, no livro Diário tem os títulos das contas e depois tem os históricos. Usava a Ronde francesa. Eu, pelo menos, e eu sei que os outros também usavam a Ronde francesa para os títulos das contas. Me lembro de uma firma onde eu trabalhei, na rua Libero Badaró, que ainda existe essa firma, não vou dar o nome, porque não convém, embora já não seja mais dos mesmos proprietários, em que o livro Diário era um livrão imenso. Para pegar aquilo, botar na mesa, e a mesa era uma mesa alta, inclinada, chamavam de escrivãzinha, mas era uma mesa inclinada para o livro ficar inclinado para a gente poder escrever. Não dá para escrever em um livro Diário se ele fica nessa posição, tinha que ficar nessa posição inclinado. A gente escrevia de pé, ou então sentado em um banco alto, que dava na altura lá. Mas se você ficasse muito tempo sentado no banco alto, acaba doendo as costas. Então o mais fácil era escrever de pé. Quando eu sugeri ao português, que era dono da coisa, de fazer uma Contabilidade moderna, naquele tempo, que a gente fazia à máquina de escrever, já existia, ele disse: “Não, não. Tem que ser aquele livro lá.” E eu tive que escrever o Diário até o fim. (riso) Até eu sair, eu escrevi o Diário naquele bruto livrão lá. P/1 – E o senhor usava aquela viseira? R – Viseira não, não usei. P/1 – E o protetor de punho? R – Não, não usei. Era manga de colete. (riso) P/1 – O senhor guardou alguma dessas penas, assim, por acidente? R – Eu guardei durante muito tempo, mas não tem mais lá em casa. Eu usava aquilo, me divertia fazendo aquilo. P/1 – Em que ano foi isso mais ou menos? O senhor ainda era rapaz? R – Nessa casa eu trabalhei em 39, fim dos anos 30 e

começo dos anos 40. Eu trabalhei quatro anos nessa firma. Mas em outras firmas eu também fazia o Diário, só que não serve de referência porque era um livro comum, um livro pequeno que a gente podia fazer normalmente, podia levar para casa para escriturar, ou escriturar lá. Mas lá é atípico porque era um livrão imenso, pesadíssimo. (riso) A gente tinha que escriturar mesmo de pé, senão não dava para fazer. P/1 – E essa época que o ser estudou com o Franco foi anterior um pouquinho? Por volta de 38, por aí? R – Suponho que sim. Me lembro que eu trabalhava com os De Lucca, quando eu fiz aquilo ali. Como eu tinha promessa do contador lá, de escriturar, porque os De Lucca tinham algumas várias firmas, eles tinham outras firmas, e o contador dizia: “Você vai aprender. Eu vou te dar esse livro para você escriturar.” Então eu achei que já devia me preparar. E fui fazer o De Franco. E escrevi mesmo o livro, sob a direção desse contador, que era um homem boníssimo, me lembro o nome dele até hoje, Mário Pini, italiano também, homem boníssimo, fico comovido até. Ele me ensinou muita coisa. Me ensinou até o comportamento, me levava para a casa dele, me ensinava a comer, extraordinário. (emocionado) P/1 – E Datilografia, o senhor também aprendeu? R – Fiz Datilografia com uma senhora que ensinava Datilografia, mas fiquei só um mês, um mês e pouco, depois aprendi sozinho. Mesmo com os dez dedos eu aprendi sozinho, na Remington. P/1 – Usava muito na profissão a Datilografia? R – Muito, para escriturar também. Depois, quando eu comecei a trabalhar por iniciativa, eu usava máquina de escrever para fazer a escrituração. Mas a gente usava Datilografia para tudo, cartas, envelopes, recibos. Tudo era datilografado. A Remington 12 era famosa. P/1 – Nessa fase, vamos voltar um pouquinho, o senhor já era casado, já tinha namorada? R – Não, eu era menino. Quando eu fui para o Rio eu tinha 21 anos, depois voltei aqui, passei a trabalhar no Fraccini até 39, era jovem. Eu casei em 45, quando eu já estava na vida, já tinha feito faculdade e já estava bem na vida, exercia a minha profissão, ganhava razoavelmente bem, podia casar e sustentar a família. P/1 – Onde o senhor conheceu a sua esposa? R – Onde eu conheci? Eu era amigo, do tempo da Escola de Comércio, quer dizer, nós éramos mocinhos na Escola de Comércio, em 28, eu tinha pouco mais de 14 anos. No tempo da Escola de Comércio eu era amigo de um rapaz que era funcionário público, trabalhava na Caixa Econômica Estadual, ou coisa que o valha, e tinha uma namorada funcionária pública. Essa moça tinha uma amiga que passou a ser minha namorada e depois minha mulher. Aquelas coisas de rapaz: “Traz o amigo para passear com a gente.” Ou o contrário. E assim fui, conheci a Meire. P/1 – O senhor se casou em 45, esperou terminar a Guerra, porque era uma época difícil...? R – Eu terminei a faculdade. A Guerra não influenciou em nada. P/1 – Não influenciou em nada na sua vida essa época de Guerra? R – Para melhor, porque aqui com a Guerra o Brasil se expandiu. Trabalhamos bastante, melhorou tudo aí, as indústrias, tudo o mais. Havia mais trabalho, melhorou a vida da gente. Eu esperei terminar a faculdade. P/1 – Que faculdade o senhor fez? R – Faculdade de Ciências Econômicas da Escola Álvares Penteado, lá no Largo São Francisco. P/1 – Ah, já era faculdade, depois de Escola de Comércio? R – Escola de Comércio foi antes. Eu interrompi durante algum tempo, fazendo cursinho de línguas e outras coisas, depois eu resolvi fazer faculdade, porque achei que melhorava a minha profissão, e melhorou muito. P/2 – E foi na faculdade que o senhor conheceu o professor Hilário Franco? R – Foi. Ah, foi sim, foi bom falar. Eu estava terminando, saindo, estava fazendo o último ano em 44 e ele estava entrando, fazendo o primeiro ano em 46. Mas eu já tinha conhecido um que se tornou também amigo e sócio dele, e meu amigo, o Mussolini, que foi meu contemporâneo na faculdade. Esse eu tive mais contato na faculdade, porque nós fomos contemporâneos. O Hilário, nós só fomos contemporâneos um ano na faculdade. Mas houve uma afinidade extraordinária, nós passamos a ser amigos desde o começo. Ele terminou a faculdade, eu o conheci no trabalho que ele estava, no Bernardini, e eu fazia a atividade de perícia. E nos tornamos amigos, amigos de sair a família toda, entidades de que ele participava ele sempre me convidava, como o Lions Clube. Entramos para o Lions Clube juntos, fundamos o Lions Clube Penha e, depois de nos enchermos com aquilo, chegamos a fazer toda a carreira, de vogal a presidente, aí fomos saindo, porque não era o tipo de atividade para nós. Mas em todas as atividades que podia ele me convidava, ou eu o convidava. Eu conheci a mulher dele, desde que ela era mocinha, a Bebê, e conheci os filhos desde pequenos e ele os meus. Nos visitávamos muito, éramos amigos. Depois tornamo-nos sócios. P/2 – Vocês trabalharam juntos? R – É, fomos sócios na Revisora Nacional. Ele, o Mussolini, o Emílio Bacchi e eu. E depois o Ademar, irmão dele, que é agora meu sócio em outra atividade. Escrevemos um livros juntos com o Hilário. P/2 – E esse livro? R – O Hilário queria escrever um livro sobre Auditoria, mas ele não tinha tempo, porque se dedicava a revisar os outros livros. Ele tem 12 livros, publicou 12 livros, sem contar esse que escrevemos juntos. Então ele se dedicava todo o tempo dele a revisar os livros, por pressão do editor, a escrever artigos e fazer palestras, e trabalhar na atividade. E ele queria fazer esse livro de Auditoria. Quando eu me aposentei lá na Revisora, obrigado a me aposentar, então ele me intimou: “Vamos escrever esse livro de Auditoria.” E ele pegou um maço de matérias que ele tinha, porque quando ele fazia artigos, publicava, ele guardava tudo. Ele pegou aquele maço e disse: “Olha, você aproveitar daqui tudo o que puder para a parte expositiva do livro, e depois a parte prática, a parte de ensinar como se faz, ou por que a gente faz e como a gente faz, isso você faz.” Porque eu vivia daquilo, era a minha atividade. Foi o que fizemos, eu peguei todo aquele material, selecionei, atualizei e fizemos um livro. P/2 – E quando foi publicado? Em que ano, o senhor lembra? R – Não me lembro, mas já faz mais de 20 anos. P/2 – E o nome do livro? R – Auditoria Contábil. P/2 – Deve ser muito usado esse livro. R – Muito usado, já está em terceira edição. Ainda está aí, cada trimestre eu recebo um chequinho de direitos autorais. Recebo, vem vindo. Ainda é muito usado. Embora agora a Auditoria hoje seja feita toda por computador. Mas o sujeito, para aprender, ele tem que ver os programas. Ele não vai no computador e diz: “Faz isto.” Ele tem que dizer para o computador o que ele vai fazer. E ele tem que aprender, ele tem que estudar em livro de Auditoria. Além de ir para a escola, ele tem que ter um livro de Auditoria. Daí ele segue aquilo e depois faz programa. Só que a maneira de fazer programa não é mais como nós fizemos no livro, já são outros modelos. P/2 – O senhor usou esses novos modelos do computador? R – Não. Quando o computador entrou definitivamente a fazer Auditoria, eu já tinha saído. Não é do meu tempo. P/1 – E o senhor acha que a informática fez muita diferença na Contabilidade, influenciou muito essa nova tecnologia? Melhorou ou piorou? R – Melhorou, porque dá mais informações, dá mais transparência, dá mais visibilidade e dá mais facilidade. É pronto. P/1 – O senhor chega a dominar um pouco o computador? R – Não. O computador não, não trabalhei nele. Mas é extraordinário, você bota o disquete lá dentro, ele te diz tudo na mesma hora. Os auditores de hoje não usam papel nem para fazer recado. (riso) Você quer dar recado para o companheiro, escreve lá no computador do companheiro e vai embora. P/1 – Embora o senhor não use, o senhor admira essa tecnologia? R – Ah. Eu acho isso, e acho que ainda vai evoluir muito. Isso vai acabar com as fraudes, com a evolução que está tendo, os testes que ela permite. P/1 – Os cruzamentos de dados? R – Os cruzamentos que ela permite vai acabar com as fraudes, sem dúvida nenhuma. (Pausa) R – Bom, além dos Diários manuscritos, que no tempo em que eu comecei era o corrente em todas as empresas pequenas e médias, as grandes não, as grandes já tinham seus sistemas, inclusive de máquinas importadas, que eu conheço pouco. Mas as pequenas usavam o Diário manuscrito, mas já havia vários métodos que já estavam sendo introduzidos para evitar o manuscrito, que era um atraso. Dos que eu me lembro, havia o sistema , o sistema e o sistema Ficha Tríplice. Esse Ficha Tríplice era um sistema improvisado por um contador, inventado aqui em São Paulo, que depois ele escreveu um livro e com esse livro introduziu pelo Brasil inteiro. Mas eu não usei o Ficha Tríplice, achei que era atrasado. O também achei que não convinha, embora era científico, um método bastante científico. Eu não usei porque achava que ali a gente só citava o código da conta, não o nome da conta, e isso trazia, pelo menos para mim, trazia algum embaraço, alguma dificuldade para ler o que eu tinha feito. Pelo código da conta, você precisava gravar

o código e o nome da conta. E usei o sistema , que eu procurei introduzir naquelas firmas que permitiam que eu fizesse alguma coisa nova, sem ser o Diário. Isso acontecia mais nas firmas que se abriam. As novas, onde eu entrava lá desde o começo, permitiam que eu fizesse o sistema . é, pelo que diz , era uma inserção frontal na máquina de escrever. Na máquina de escrever você introduz o papel por trás, e o rolinho vai virando. Então você faz a inserção por trás, até aparecer o papel. E no fazia-se a inserção normal da folha do Diário, mas a folha que a gente chamava de Razão, era inserção frontal, mediante um pequeno aparelhinho, que a gente adaptava na máquina de escrever, podia pôr e tirar a hora que quisesse, metia a ficha pela frente do rolo. Por isso chamava . Eu achava aquilo moderno e era prático. E era limpo fazer a escrituração, fazia a escrituração toda, e a folha do Razão a gente inserir, escrevia, tirava, botava outra, inserida, tirava, e ficava um sistema limpo, bonito. E essas fichas eram guardadas numa caixa apropriada, com organização de conta, número, como a gente quisesse. Isso que eu usava mais, até virem outros métodos e outras formas de escrever. Então acho que isso que é muito interessante dizer do exercício profissional daquela minha época. P/1 – Isso foi mais ou menos em que época, que o senhor usou esse método? R – No começo dos anos 40. P/1 – E durante muito tempo o senhor usou esse método? R – Eu usei, enquanto eu tinha escritório pequeno eu usei esse método. Escritório só meu, eu sozinho, e fazia trabalhos para firmas pequenas, eu usei esse método. P/1 - E entrando na era de informática, o senhor começou logo a usar? R – Não, a informática eu nunca usei. P/1 – Nem o primeiro sistema de Hollerith, de fichas perfuradas? R – Não, Hollerith não fazia escrituração, fazia só informações de folha de pagamento, pessoal etc, não fazia escrituração mesmo. Mas eu não usei esses sistemas. P/1 – O senhor poderia nos repetir mais ou menos as firmas em que o senhor passou em sua trajetória profissional? R – Bem, eu comecei com os Becinas, que era na rua Aurora, foi o meu primeiro trabalho de mensageiro, e fiz lá de 26 a 29. Em 29 foi a grande crise, e eles tiveram que restringir. Imagine que tiveram que economizar até os cento e poucos mil réis que me pagavam, a mim como mensageiro. Eles passaram a dar a tarefa que davam para esse menino, para os vendedores e para o cobrador, para economizar, porque a crise em 29 foi muito séria. Me dispensaram. (riso) Me pagavam quanto? 110 ou 120 mil réis, o que era uma quantia pequena. Mas eu logo passei a trabalhar. Isso foi no dia 31, eu me lembro bem, gravei na minha memória, dia 31 de dezembro. Dia 31 de dezembro era um dia comum, a gente trabalhava das oito às seis, como qualquer outro dia. O dia 24 de dezembro era um dia comum, todo mundo, os bancos trabalhavam, todo mundo trabalhava. E me lembro que no dia 31 de dezembro estava lá na expectativa de receber o salário, e eventualmente alguma gratificação, e recebi o salário e o bilhete azul. Foi tremendo, cheguei em casa chorando, por ter perdido o emprego. Mas logo nos dias seguintes arrumamos, meu primo me ajudou, arrumou emprego com os De Lucca, e aí me desenvolvi, nunca mais. Trabalhei com os De Lucca, que eu já falei. Os De Lucca eram atacadistas na rua Santa Rosa e rua Cantareira depois, atacadistas daqueles gêneros lá, eram importantes importadores, e tinham também uma sessão que eles chamavam de predial, eles vendiam terrenos. Tinham áreas de terrenos, e eles vendiam terrenos à prestações etc. E isso permitia que eu, no trabalho como auxiliar de guarda-livros, eu fizesse a parte dos terrenos, que ficava a meu cargo. O cuidado com as prestações do terreno, preencher as cadernetas, os contratos, ficava ao meu cargo. Com isso eu fui aprendendo lá. E os De Lucca depois acharam que tinha um negócio no Rio de Janeiro, que aquilo podia dar muito dinheiro, e resolveram abrir aquele negócio lá no Rio. E me convidaram para ir lá, aí não como auxiliar, mas como contador, eu ia ser o contador. Isso me incentivou, eu tinha 20 anos. E o contador, o Mário Pini, foi quem disse: "Vai lá, rapaz, você vai aprender mesmo, você vai ver que não é nada difícil. Você vai, se lá tiver dificuldade, você me escreve." E eu fui, fui lá sozinho, sem família nem nada. Há de imaginar como era difícil. Mas fui e enfrentei aquilo. Mas como o negócio deles lá não foi bem, eles fecharam, duraram um ano, eles fecharam, e nós ficamos sem emprego. Mas meu primo, o mesmo meu primo, já tinha me arrumado um emprego aqui. Quando eu vim de lá, num sábado, numa segunda-feira, já fui trabalhar nessa casa Fraccini lá na Móoca, onde eu trabalhei até 39. E lá depois resolvi, quando chegou uma certa hora, resolvi parar como empregado firme, em tempo integral, e passei a trabalhar arrumando várias empresas como meus clientes. Um deles foi o Di Cunto, Irmãos Di Cunto é famoso lá. É famoso, né, o Buffet Di Cunto é famoso. P/2 – É famoso. R – Ainda está lá, na rua Borges de Figueiredo. Eu fui um dos primeiros contadores deles, dos Irmãos Di Cunto, quando eles eram apenas padaria Irmãos Di Cunto. Depois eles foram desenvolvendo, e eu acompanhei durante algum tempo, depois eu progredi etc. E assim fui arrumando vários clientes, um na rua 25 de Março, na Ladeira Porto Geral. Por sinal quando eu trabalhava na Ladeira Porto Geral com esse meu cliente, eu conheci o Adoniran Barbosa, que era caixeiro, era balconista de uma empresa lá. Era o Adoniran Barbosa, mas era balconista daquela empresa. P/2 - Ele já era conhecido? R - Quando ele saía de lá, ele ia para a rua Quintino Bocaiúva, onde era a Rádio Record, e ele já fazia seus trabalhos lá, ele já ajudava. Às vezes pegavam ele lá para uma coisa e outra, ele já era o Adoniran Barbosa. Só que ele não dava confiança para nós, ele já era um nome importante. Todo mundo diz que o Adoniran Barbosa é paulistano, mas não é verdade não, ele é caipira paulista. É da região perto de Jundiá. Se não me engano Vinhedo ou outra cidade lá, e o sotaque dele, até morrer, era sotaque de caipira paulista. Aliás, um sotaque delicioso. Você não tem mais, mas o sotaque caipira é um sotaque delicioso. O sotaque dele era aquele, até morrer, sotaque italianado de caipira paulista. Ele era João Rubinato. (riso) Eu o conheci assim. Isso é como detalhe. O fato dele ser do Brás, ele morou no Brás, como morou em outros lugares, no Bixiga, não parava, mas não era paulistano, não. P/1 – A partir dessa época, então, o senhor ficou mais como um profissional liberal, autônomo? R – Autônomo, dono do meu nariz. Aí resolvi fazer faculdade, já estava namorando, e acabei, quando eu saí da faculdade, já era um profissional conhecido, aí já ganhava relativamente bem, e casei. Depois evolui um pouco mais, . Trabalhei muito tempo como perito judicial, mas Perícia era mais um serviço do escritório, do escritório meu mesmo. Tinha as minhas escritas, que me davam o pão nosso de cada dia garantido, mas fazia as Perícias que aparecessem. Eu podia ter evoluído, porque eu arrumei muitos clientes lá, advogados e juizes que me nomeavam, mas eu acabei não gostando, não de fazer a Perícia, mas de trabalhar na área jurídica, com aqueles advogados tramponeiros, safados. Resolvi sair antes que a coisa... P/2 – E essas associações, Sindicatos, CRC? R - Esta que eu contei parte do Hilário, para onde ele ia ele me levava, me convidava para ir, o Hilário, eu era associado do Sindicato dos Contabilistas, e o Hilário, com o Mussolini e o Emilio Bacchi, ele resolveu disputar a diretoria do Sindicato. E aí ele me encaixou lá. Ele não me convidou, ele me botou lá. (riso) P/2 – Convite compulsório. R – "Você vai ser meu Tesoureiro." E o Hilário foi presidente, o Emilio Bacchi o vice-presidente, o Luís Fernando Mussolini o primeiro secretário, tinha um segundo secretário, não me lembro o nome. P/1 – E em que época foi isso? R – Eu acho que foi em 56, não tenho muita certeza, mas acho que foi em 56. Isso pode ser verificado lá. Eu fui então tesoureiro do Sindicato, e aí comecei a ter vida profissional. É preciso lembrar que nessa época a verdadeira entidade de contadores, de contabilistas, era o Sindicato dos Contabilistas, não havia outra. Mesmo o CRC, embora atuava, mas era uma repartição pública. O CRC foi repartição pública até outro dia, até que apareceu gente lá que tinha outra noção das coisas e fez aquilo. O CRC era uma repartição pública que registrava os profissionais, e registrava com aquele formalismo de repartição pública, fichinha, aquelas coisas. . E o próprio CRC, ele foi organizado pelo Sindicato, não tinha outra. Foi o pessoal, o Pedro Pedreschi era presidente do Sindicato e foi o primeiro presidente do CRC. O Milton Improta tinha sido ou iria a ser presidente do Sindicato e foi vice-presidente, e daí em frente. Foram eles. Nós, o Sindicato, que organizamos. Não digo nós, eu, já em 56 o CRC já está lá, firme, pronto, eu não colaborei. Mas esses antigos do Sindicato é que fizeram o CRC. E sem esquecer que as eleições para as diretorias e os conselheiros do CRC eram feitas pelas entidades de profissionais. Entidade profissional era só o Sindicato dos Contabilistas, não tinha outra. Aí

passaram a organizar outras entidades, o José da Costa Boucinhas resolveu fundar uma Federação de Contabilistas, e para ter Federação precisava um número certo de sete Sindicatos. Ele passou a viajar no Estado de São Paulo inteiro fundando sindicatos, para fundar uma Federação. E ele conseguiu. José da Costa Boucinhas é outro nome que a gente não pode esquecer, foi um dos homens mais ativos que eu conheci, profissionalmente. Extraordinário. Ele fundou a Federação, foi o primeiro presidente, aí se reuniam esses sindicatos e indicavam os conselheiros para o CRC. Mas como os diretores desses sindicatos eram no interior e o CRC se reunia em São Paulo, não dava para a turma vir do interior, só o pessoal de Campinas ou de Santos é que tinha possibilidade de viajar para as reuniões. Então o pessoal de São Paulo dominou durante muito tempo, até que fundaram-se outras entidades e passaram a ter alguma preponderância para eleger diretores. Mas finalmente veio a eleição direta e acabou com isso, a influência das entidades acabou, a eleição direta, todos os contabilistas votando, elegem os conselheiros. E o conselheiros elegem o conselho diretor, isso já era outra coisa. P/1 – E atualmente, como está essa relação Sindicato e Conselho Regional? R – Uma relação comum, o Conselho Regional é a entidade oficial que tem relação, através do Conselho Federal, que tem representação junto ao governo. P/1 – E o Sindicato? R – O Sindicato deve proteger os profissionais. O Sindicato é uma entidade de defesa do profissional. O CRC é uma entidade de fiscalização do exercício profissional. São duas atividades que não se encontram. É o mesmo profissional, mas este defende e este fiscaliza. P/1 – Essa foi uma muito boa colocação sua. R – Eles têm um relacionamento, como não podia deixar de ter, um relacionamento muito ligado, muito perfeito. Mas na hora de exercer a sua atividade, este fiscaliza e pune, e aquele defende. P/1 – E atualmente, o que o senhor está fazendo? R – Quanto à entidade, eu parei, já estou muito velho. Mas eu tive carreira. Além do Sindicato, mais tarde eu pleiteei, disputei o cargo de presidente e fui eleito. Fui eleito presidente do Sindicato dos Contabilistas. O meu mandato foi em 67 e 68, dois anos. Eu fui presidente de uma diretoria própria. Por essa atividade no Sindicato, eu fui indicado para ser conselheiro do CRC, mas aí já tinha uma política tremenda de entidades. Como se tinha formado várias entidades paralelas, de atividades de contador, de peritos, de proprietários de empresas, e outras, já havia várias entidades em que os contadores tinham sede, e nem sempre essas entidades se entendiam. Havia política, como tem em toda parte. O Sindicato era a principal entidade. Ninguém podia ser de outra entidade se não fosse sindicalizado. Essa era obrigatória. Então tinha que ser primeiro associado do Sindicato, sindicalizado, para depois concorrer às outras atividades. E havia as atividades do Sindicato, eram muito disputadas, as eleições eram muito disputadas. A minha eleição foi tremenda, os jornais falavam. E as seguintes e as anteriores tinham sido. E aqueles que não conseguiam, que disputavam a eleição no Sindicato e não conseguiam se eleger, porque só um podia se eleger, eles passavam a fazer oposição em outras atividades. E aconteceu que uma certa área, que prevaleceu naquelas outras entidades que não o Sindicato, nem a Federação, eles se apropriaram do Conselho, do CRC. Juntaram os votos dessas entidades, mais os votos de sindicatos do interior, que eles conseguiam, passavam a ter maioria e elegem os conselheiros do CRC. E o Sindicato ficou de fora. Isso passou a ser chamado de Verde e Azul. Por um motivo simples: quando houve a minha eleição, a chapa em que eu concorri era a chapa Verde, e a chapa do meu opositor era a chapa Azul. Então isso passou a ser conhecido, a oposição que dominava o Conselho era a Azul, porque não era a Verde. E o Sindicato, numa certa ocasião, achou que devia ter um representante do Sindicato no Conselho, que não era possível um Conselho com sede em São Paulo não tivesse um representante do Sindicato, que era a principal entidade de contabilistas. E a ala Azul, que dominava eles, acabou aceitando. E aceitaram dois elementos do Sindicato, e elegeram dois elementos do Sindicato como conselheiros. Foi o Luiz Bertasi e eu, foi a primeira vez que eu fui eleito conselheiro. Mas aquilo era tão dominado pela ala Azul, que não nos deram nenhum cargo, nem o Luiz Bertasi nem eu tivemos cargo nenhum. Que lá a gente é conselheiro, mas tem cargo, presidente da turma tal, da Câmara tal, cada um exerce outra função além das reuniões do Conselho, nós não. Nós éramos simplesmente conselheiros e membros de uma Câmara, mas nós éramos simplesmente lá. Para ver como era a política naquele tempo, que me parece que ainda persiste, só que não é só a ala Verde, a ala Azul, tem outras alas lá, mas ainda persiste. Ainda há rodízio. Mas eu já não intervenho mais, já estou fora disso. Mais tarde, quando fizeram as entidades e viram que não valia a pena ficar brigando todo o tempo, houve vários, o Emílio Bacchi principalmente, promoveu uma harmonia, e aí estabeleceu-se que haveria rodízio. A ala Verde, a ala Azul faziam rodízio. Uma vez no Sindicato a Verde, aí no CRC a Azul, na Federação tal, e estabeleceu-se o rodízio. E dentro desse rodízio houve uma eleição e eu fui convidado para participar de novo do Conselho, mas eu já tinha sido presidente do Sindicato, já tinha terminado o meu mandato, e eu aceitei participar do Conselho, organizava a chapa. Era eleição direta dos conselheiros, mas como a chapa era aquela mesma, a turma não tinha em quem votar, votava naquele mesmo. (riso) E eu fui eleito conselheiro, junto com os demais. E aí fui indicado, o plenário do Conselho me indicou para vice-presidente. Havia o vice-presidente de fiscalização, o vice-presidente de registro e o vice-presidente de administração. Eu fui indicado para vice-presidente de fiscalização. O mandato dos conselheiros era de quatro anos, e o Conselho Diretor, que eram esses que eu acabei de dizer, era dois anos. Eu fui dois anos como vice-presidente de fiscalização e os outros dois anos seguintes como vice-presidente de administração e o presidente mudava. Mudou, passou a ser outro presidente. O vice-presidente de administração era o substituto do presidente nos impedimentos. Quando ele tirava férias ou ficava doente, ou qualquer motivo, ele pedia licença ou faltava, e o vice-presidente da administração é que substituída, que foi o que aconteceu comigo. No primeiro semestre como vice-presidente da administração, o presidente era o Otávio, o Otávio de Almeida, se não me engano. Mas ele era doentio, sofria do coração, ele começou a faltar e eu tive que substituí-lo. E depois ele acabou morrendo, no primeiro semestre, em junho, coitado, morreu. A grande ambição da vida dele era ser presidente do CRC. Ele sabia que ele tinha problema no coração, dizia: "Não, eu vou enfrentar." Disseram a ele: "Olha, você é capaz de morrer, aquilo ali não é brincadeira." Ele conhecia aquilo. "Você vai ter que se esforçar." "Não, eu vou enfrentar. A minha ambição é ser presidente do Conselho. Se eu morrer, tudo bem, consegui fazer o que eu queria." E ele morreu, coitado. Morreu no primeiro semestre. Eu, então, que era o substituto, assume. Mas a política continuava, daquele rodízio. A minha vez era depois daquela, depois do Otávio. Se o Otávio cumprisse os dois anos dele, aí seria a minha vez. Mas como o Otávio não conseguiu cumprir, eu assumi e tive que promover a eleição. Mas pleiteou junto aos chefes políticos que tinha e tem ainda chefes políticos, fulanos que são chefes políticos, dessas diversas alas, eu pleiteei: "Olha, antecipa a minha vez. Em lugar de esperar dois anos, como está vago mesmo, eu já estou aqui mesmo, eu cumprio o mandato do Otávio, mais um ano e meio eu cumprio, e minha vez está feita. E depois, vocês elegem. A vez era da minha ala Verde, passa a ser da ala Azul, a ala Verde cumpriu agora, eu acho normal." Mas eles não aceitaram. E eu tive que fazer a eleição, convoquei a eleição e o plenário elegeram um outro qualquer. Elegeram até o Fellin, que já tinha sido presidente uma vez, e que eles trouxeram, reconduziram. E eu trabalhei com o Fellin os outros meses, até cumprir o mandato. Mas chegando ao fim desses dois anos de vice-presidente, terminava também o mandato de conselheiro, que era de quatro anos. Já tinha cumprido dois como vice de fiscalização, dois de administração, terminava o mandato de conselheiro. Aí eu teria que pleitear a eleição direta como conselheiro, entrar na chapa. Isso não era grande problema, porque as alas dominavam ali, não seria grande problema. Depois de cumprir, de ser eleito, eu tinha que disputar o cargo no Conselho que fosse eleito. Mas também, como havia entendimento entre as alas, era pacífico que eu seria conduzido. Mas eu pensei: "Pô, já fiquei quatro anos aqui, e isso é chato para burro, vou ter que ficar mais quatro anos, sendo dois como presidente, e os outros dois não sei o que é que vou ser, como ex-presidente! Não me convém." Além de ter aquela, vamos dizer, aquela mágoa de não ter sido... "Pô, se eu

não presto agora, não vou prestar depois." Disse: "Não, eu não vou, já estou velho, já estava aposentado, já não sirvo mais, não vou querer mais ser presidente." E não disputei. E por isso não fui presidente. P/1 – E aí o senhor encerrou a sua carreira participativa em entidades? R – Não, aí eu passei a trabalhar no Ibracon, me dedicar completamente. Foi com o Hilário outra vez. (riso) O Hilário e o Instituto Brasileiro de Contadores. O Boucinhas, eu já falei a referência a ele, que era de uma atividade, de uma iniciativa, ele fundou a Federação, depois achou que devia fundar um Instituto de Auditores. E ele tomou a iniciativa e fundou o Instituto de Auditores, com um grupo, claro, sozinho ninguém faz, um grupo de contabilistas do qual eu fiz parte. O Hilário, Mussolini e alguns outros, fizemos parte. E fundamos o Ibracon. Mas a bandeira ali era o Boucinhas, ele é que era o tal. Ele foi o primeiro presidente, organizou, e nós ajudamos no que podíamos. Aí eu tive aquelas atividades que eu já contei e, quando larguei ali, eu resolvi me dedicar completamente ao Ibracon. O Hilário já fazia parte, mas nós resolvemos nos dedicar só à parte técnica, não administrativa, de tesoureiro, presidente, não, que é a parte administrativa. A parte técnica, que era a essência do Ibracon, a coisa que eles fazem para os auditores poderem exercer a profissão. E ali organizou-se a Comissão de Normas Técnicas, da qual o Hilário e eu fizemos parte desde o começo, e trabalhamos lá intensamente. P/2 - Criando essas normas? R – Tínhamos reuniões quinzenais, mas a gente levava matéria para casa, e lá discutia, tinha um grupo muito bom, não era só eu e o Hilário, tinha um grupo muito bom de auditores, das empresas grandes. E nós tínhamos um grupo muito bom. E nós ficamos lá discutindo essas normas que nós implementamos e que são lançadas, que o Ibracon ainda faz até hoje. Aliás, agora revendo aquelas primeiras normas que nós fizemos, porque a profissão evoluiu muito. E eu fiquei todo o tempo, até que achei que já estava velho demais, que não dava mais para fazer isso. O Hilário, se não me engano, ele ficou até o fim como membro desta Comissão, só que ela já trabalhava de maneira diferente, já não exigia tanto trabalho, já eram pequenos grupos, já nomeavam, as diretorias nomeavam pequenos grupos para fazer determinada coisa. Não era aquilo que nós fazíamos. Mas ele ficou até o fim como membro. Eu não, eu saí, achei que estava velho, devia dar lugar para outro, saí. Não era sócio do Ibracon, sou sócio até hoje, pagando lá. Mas como membro do Conselho Técnico e Administrativo do Ibracon, que eram 25 membros, eu fazia parte, o Hilário, Mussolini e eu fazíamos parte, e eu saí desse Conselho e saí da Comissão de Normas Técnicas. Agora sou simples associado. P/1 – Continua trabalhando em alguma coisa, ou agora o senhor está totalmente aposentado? R – Eu ainda colaboro com aquele meu escritório, o FMG. Embora já tenha saído de uma vez, mas eu colaboro no que puder. Foi agora no começo do século. (riso) Até o século passado eu era sócio ativo, trabalhava completamente, mas agora, já completando 86, vocês sabem, a memória já não é a mesma coisa. E eu tinha muito receio de a memória não me ajudar, de poder fazer alguma trapalhada, qualquer coisa, e os meus sócios, por deferência, não me disserem nada. Então eu ficava assim "Pô, se eu fizer alguma bobagem vocês tem que me dizer." "Não, não, está tudo bem." E foi indo. Mas no fim do século achei: "Não, chega. Muda século, então eu paro." Mas assim mesmo eu colaboro, porque às vezes há alguma coisa que eu tenha uma especialidade, a especialidade que a gente viveu aquilo todo o tempo e guardou, aquilo a gente não esquece nunca. E eles me consultam, me chamam, me consultam, eu vou lá. Ainda ontem estive lá. P/1 – E além disso o senhor agora, na sua idade, tem que tipo de hobby, de distração? R – Agora é leitura, música, vou caminhar um pouco. P/1 – Que tipo de leitura o senhor gosta? R – Olha, assim, como paixão, seria a história romaneada, mas a gente nem sempre encontra. Como aqueles romances daquele autor italiano. P/1 – Umberto Eco? R - É, Umberto Eco. Aqueles ali, eu leio todos eles. P/2 - O senhor já leu o último livro dele? R – Não saiu ainda. P/2 – Ah, não? Eu li numa matéria que ia sair. R – No jornal publicaram, recortei e guardei, estou esperando sair em português. P/2 – Ainda não saiu em português? R – Porque eu posso ler em italiano, eu leio bem. Mas é que ele usa muitos termos científicos, e a gente não acompanha. Aí eu vou perder por que? Eu podia ler em italiano, esse livro tem na livraria italiana já tem, eu já passei lá. Mas o livro é caro, eu vou perder aqui, eu vou esperar, foi traduzido mesmo. Então seria desse tipo de coisa. Mas o que aparecer, Literatura, História, eu gosto muito de Mitologia, muito. Então conheço a Mitologia grega, romana, conheço toda aquela historiazinha, o que aparecer de Mitologia eu compro. Comprei agora mesmo, estou começando a ler um livro de Mitologia e Religião. É muito importante. P/1 – E música, que tipo de música o senhor gosta? R – Ah, a música! Sei lá. (riso) Olha, eu sou, como diria, eu sou mitômano. Melômano, quer dizer, alguém que gosta de melodias. A música é feita de várias partes, e a parte que mais me toca é a melodia. Então eu gosto extraordinariamente do Luís Bonfá, que escreveu aquela Manhã de Carnaval. Toca Manhã de Carnaval, eu fico arrepiado. (riso) Eu gosto muito do... o nome me escapa... esse que escreveu Ronda, o Vanzolini, o que nós falamos agora pouco, do Trem das Onze, o Adoniran Barbosa. Não todas, mas algumas são deliciosas, Trem das Onze é deliciosa. Mas ao mesmo tempo eu gosto de músicas napolitanas, que essas me falam à alma. Mas eu sou apreciador da música sinfônica. Tenho uma coleção de discos extraordinária de música sinfônica, inclusive óperas. Sou assinante da OSESP, fui assinante já no ano passado e renovei a assinatura, assisto aos concertos ali, sempre que tem possibilidade eu vou. Eu fui assinante de ópera, do Teatro Municipal, no tempo que a gente podia ir lá e era o senhor fulano. Eu ia lá: "Ô, senhor Marra! Entra para cá, senta aqui, toma um café." Abria o livro. "Como é a assinatura?" A gente fazia assinatura no livro, era o senhor fulano. Mas hoje como é que a gente pode chegar lá? Hoje aquilo é do povo, tem que ser, mas nós perdemos a vez. Nós que gostávamos daquilo, perdemos a vez. Que seja do povo concordo, tem que ser do povo, só que nós... P/1 – Qual é o compositor de música sinfônica que o senhor gosta mais? R - Eu acho que Beethoven é o principal, tenho todas as sinfonias dele, ainda sábado comprei a um e a quatro, gravadas pela OSESP. Mas tem hora que toca o Puccini, eu choro. (riso) Tem hora que toca o Wagner eu vibro. Música é música. P/1 – Sensibilidade. P/1 – E a sua vida familiar? O senhor continua com a sua esposa? R – Eu moro sozinho. Minha mulher morreu, meus filhos casaram. P/1 – E os filhos moram em São Paulo? R – Moro sozinho. P/2 – Os filhos? Moram em São Paulo? R – A menina, se é menina, tem mais de 50 anos, (riso) ela mora aqui. Mora até perto, aí na Praça Vilaboim, em Higienópolis. Mas o rapaz mora no Rio, ele mora lá. Ele foi oficial da Marinha, e oficial da Marinha tem que ter base lá. Ele ficou lá, já chegou a capitão, mas aí adoeceu, coitado, adoeceu e não pode continuar. Foi reformado, e é a grande mágoa da vida dele. Não pôde fazer carreira. Ele fez engenharia, trabalhou como engenheiro, até que cansou de trabalhar como engenheiro, agora trabalha nessa coisa que todo mundo fala, no computador. P/2 – Sinalização? P/1 – Internet? R – Internet. Ele tem uns programas de Internet que ele vende, que ele usa. P/1 – Comunicação interativa. (riso) R – Ele vende, ele usa, ele trabalha em casa mesmo. Ele adora o Rio por causa das praias, e o Rio de fato é uma cidade maravilhosa. Ele mora em Ipanema. Quem mora na zona Sul é uma cidade! P/1 – Para encerrar, senhor Ernesto, qual é o seu sonho de vida daqui para frente? R – Morrer sem sofrer. (riso) P/1 – O senhor tem ainda alguma expectativa, quer ainda fazer alguma coisa na vida? R – Não, não. Estou a serviço de Deus, o que Deus mandar a gente faz. P/1 – E se o senhor tivesse que recomeçar a vida, o senhor faria diferente, ou o senhor está satisfeito com o que o senhor fez? R – Todo mundo diz que não mudaria, mas eu, a Contabilidade eu faria, essa profissão eu escolheria. Mas talvez eu tivesse começado, talvez eu fizesse faculdade um pouco mais cedo, porque quando eu fiz faculdade é que eu me realizei profissionalmente, é que eu passei a ser conhecido, antes era um cara como qualquer outro. Mas eu fiz faculdade, eu me tornei conhecido. Os professores tornaram-se meus amigos. Milton Importa foi meu professor, mas como eu já sabia Contabilidade, a Contabilidade que ele ensinava lá eu já exercia, eu dizia para ele: "Mas eu vim aqui parar...", e ele: "Fora daqui. Vai lá para fora, não enche!" (riso) Ele tornou-se meu amigo, o Milton Importa. E o Américo Campili, outro professor que tornou-se meu amigo, onde eu conheci o Hilário, onde eu conheci o Mussolini. Talvez eu fizesse faculdade mais cedo. Talvez eu fizesse mais alguma coisa além

da faculdade. Esses dez anos que eu passei sem fazer a faculdade, talvez tivesse aproveitado mais além de estudar essas línguas, aí sim. Mas a carreira, essa carreira que eu fiz, eu teria feito. As amizades que eu fiz não tem preço. P/1 – Muito bem, seu Ernesto. E o que o senhor achou dessa entrevista? Estava dentro das suas expectativas? R – Não pensei que fosse isso não. P/2 – O senhor gostou de ter dado a entrevista? P/1 – Gostou de ter falado um pouco da sua vida pessoal? R – (riso) Vou ver se aquela entrevistadora, a Gabi, se ela me convida. P/2 – Quem sabe? Acho que agora... P/1 – O senhor já tem prática agora de como responder tudo direitinho. R – Agora já tenho prática. Aquele gordo não, aquele eu detesto. P/1 – Muito obrigada. O Museu agradece muito a sua presença, foi uma entrevista muito gostosa, foi muito produtiva. Nós esperamos que o senhor também tenha gostado. Muito obrigada.